

AJ01886

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

Levei informações anônimas contra um importante auxiliar, ao “velho” Jones. Ele leu o resumo que fizera e ordenou: “Rasgue! Bota no fogo! É anônimo!

Os anônimos

Desde que as sociedades começaram a se organizar e os interesses pessoais, políticos e empresariais passaram a se conflitarem, surgiu a figura do anônimo, o mais sórdido dos personagens, repugnantes, asqueroso, pela força com que age, à sorrelfa, pronto para apunhalar pelas costas!

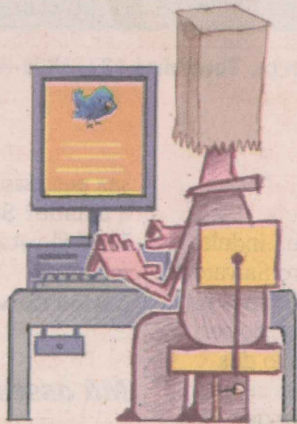
Trabalhei, por um longo período, com dois homens singulares: Jones dos Santos Neves e Christiano Dias Lopes. Tinha uma missão espinhosa junto a esses notáveis políticos: levar a seus conhecimentos fatos desagradáveis que ocorriam no governo que ninguém tinha coragem de contar-lhes. Um dia levei informações anônimas contra um importante auxiliar, ao “velho” Jones, como era chamado na intimidade. Ele leu o resumo que fizera e ordenou: “Rasgue! Bota no fogo! É anônimo! O autor não tem honra, não tem coragem, não tem dignidade, não merece respeito”.

Anos depois fui ser secretário particular do go-

vernador Christiano Dias Lopes Filho, da escola de Jones Santos Neves. Tinha a responsabilidade de abrir, resumir e responder toda correspondência oficial. Na primeira audiência que tive com o governador, para levar-lhe os primeiros documentos que recebia, estavam ali as sórdidas denúncias anônimas, mas era minha obrigação ser fiel aos princípios da confiança. Christiano, com aquela sua peculiar determinação: “Destrua essa porcaria anônima. O mais ordinário dos indivíduos é o anônimo. Infelizmente não podemos matá-lo”.

Hoje, o anônimo está em toda parte, até na internet. Andrew Keen, um dos grandes empreendedores do vale do Silício, em seu livro “O Culto ao Amador”, afirmou: “Quando blogueiros e autores de vídeos, sem qualquer padrão profissional ou filtro editorial, podem manipular a opinião pública, a verdade torna-se uma mercadoria a ser comprada, vendida e reinventada”.

“Mesmo blogs convencionais nem sempre são o que parecem ser. Podem ser falsificados, escondidos ou sabotados por hackers. Pode tornar os instrumentos de corporações propagandistas políticos ou ladrões de identidade”. Vai além Andrew Keen. Assusta, diante da sordidez dos que utilizam o anonimato na internet.



Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: robertog@npd.ufes.br

Outro olhar interno é essencial. Argumentos ultrapassados fragilizam a inserção e a negociação política do Espírito Santo na Federação

ES entre os 10 mais

No CBN Vitória (18/04), o secretário estadual da Fazenda, Maurício Duque, afirmou que não é incomum ouvir em Brasília que o ES “está chorando de barriga cheia”. Significa que a visão federal é a de um “Estado rico”? Diante disso, os argumentos do Estado estão atualizados e são consistentes? Ou domina o choro de “Estado pequeno”? Ou, ainda, ora se exalta (“o que mais cresce”), ora se inferioriza (“bancada pequena”)? Não faltam sentimentos negativos (“desconsiderado”). De acordo com indicadores convencionais, e por conta da economia concentrada, o ES está entre os 10 mais. Vejamos.

1. PIB per capita (IBGE). Em 2007, foi o 4º maior. Devido à crise em 2009, caiu para o 7º lugar.

2. Receita líquida per capita do governo. Dependendo dos critérios: 2ª (estudo do BID sobre FPE), e 7ª (apresentação de Fernando Rezende, FGV - 2011). De 2000 a 2011, a receita corrente líquida aumentou 4,5 vezes, passando para R\$ 9,8 bilhões. E o investimento social?

Por isso, o ES é tido como duplamente rico: economia e governo estadual. A situação mais desfavorável é a de 7º lugar entre os 27 Estados.

3. Socioeconomia. No último IDH (2005), o ES detém o 7º “desenvolvimento humano”, inflado pelo PIB per capita. Empata com Mato Grosso, e é pouco superior a Goiás e Minas Gerais. No índice de “desenvolvimento social” (IDS - 2005), a situação é semelhante: 8ª. O ES está acima dos Estados do Norte e Nordeste, bem próximo daqueles do Centro-Oeste. Acima, estão o DF, os três Estados do Sul e São Paulo e Rio. Em indicadores específicos continuamos mal: o atendimento educacional de jovens de 15 a 17 anos é o 7º pior.

Como o ES está entre os 10 mais também no IDH, então, só é “pequena” a nossa representação na Câmara? Não!

4. Deputados federais. Em 13 unidades federadas, a bancada é igual ou menor que a do ES. Entre eles: Amazonas - que teve a Zona Franca renovada por mais 50 anos -, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Tocantins. A difusão da “bancada pequena” só a apequena. Bancadas menores têm um desempenho superior junto ao governo federal. Por quê?

Do lado indesejável, o ES continua entre os 10 mais:

5. Ambiente. Na “área costeira”, a concentração da população é a 3ª maior do país: 68,4% (IDS, IBGE). Quanto ao “consumo médio per capita de água”, é o 3º maior (Snis).

Outro olhar interno é essencial para mudar a postura externa. Argumentos ultrapassados fragilizam a inserção e a negociação política do ES na Federação.